

ARTE E DEVOÇÃO: NOTAS SOBRE AS IMAGENS CRISTÃS

Tamara Quírico

A relação entre o cristianismo e as imagens remonta aos primeiros séculos de seu desenvolvimento. Os cristãos, superando interdições judaicas sobre o uso de imagens, presentes nos textos veterotestamentários, passaram a empregá-las – seja em catacumbas ou em domus ecclesiae – para a ornamentação desses espaços, buscando a difusão e a consolidação de suas crenças. Posteriormente, com a liberação do culto por Constantino, no ano 313, e a construção dos primeiros templos cristãos, as imagens passaram a ocupar os espaços disponíveis no edifício, tanto interna como externamente, a ponto de Jérôme Baschet definir as igrejas medievais como lugares de imagens: “um objeto total, complexo, no qual as imagens se ligam entre si, se fundem com o lugar, e participam em sua função que é celebrar o culto de Deus e dos santos” (1991: 06-07).

Toda imagem religiosa possui funções específicas (embora seus usos, na prática, nem sempre correspondam àqueles preconizados pela ortodoxia católica). Ao longo da Idade Média elas ajudaram na propagação dos princípios cristãos,

doutrinando aqueles que não conseguiriam ter acesso a outras fontes de conhecimento. Uma noção que encontra respaldo na máxima de São Gregório Magno difundida no século VII, e que nortearia a compreensão da arte cristã medieval ao longo do tempo: a pintura é a escrita dos iletrados. A função didática dessas imagens, no entanto, não era a única, como foi destacado pelo próprio Gregório: elas deveriam também despertar sentimentos de compunção, levando os fiéis à conversão, como atesta o célebre relato da Legenda Maior (II, 1), sobre o crucifixo pintado que teria falado com São Francisco no interior da Igreja de San Damiano, nos arredores de Assis. Por fim, as imagens também se tornariam um suporte essencial para as práticas devocionais cristãs, seja no interior dos edifícios religiosos, seja no âmbito doméstico de residências, como se popularizou no fim do Medievo.

Se nos primeiros séculos da era cristã a devoção católica se baseou especialmente na celebração do culto eucarístico, envolvendo a participação dos fiéis, com o passar do tempo passou-se a relacioná-la cada vez mais também a orações privadas, realizadas não somente nas igrejas, mas especialmente nas residências dos cristãos. Essa devoção, portanto, também se pautou, ao menos desde a virada do primeiro milênio, em um diálogo religioso que poderia ser estabelecido entre o fiel e um santo. Se esse diálogo ocorria com o suporte de uma imagem – uma escultura, um relevo ou, mais comumente, um painel pintado –, ela poderia ser definida como uma imagem de devoção. Esta prática se tornou mais comum a partir do século XIII; na Península Itálica, por exemplo, a produção de painéis pintados teve um desenvolvimento imenso a partir da década de 1250 (SCHMIDT, 2005: 205). Nos últimos séculos da Idade Média, portanto, as imagens se tornaram, para o fiel cristão, as intermediárias privilegiadas entre o homem, Deus e os santos.

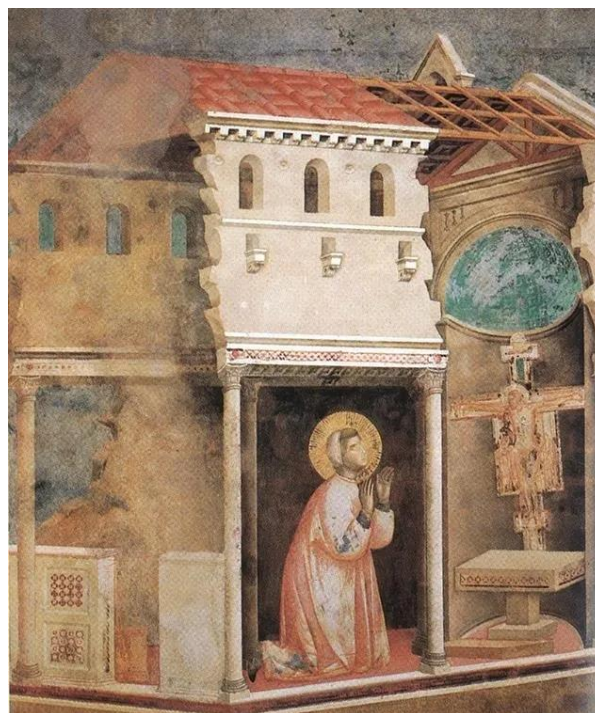


Figura 1: Giotto (?). Milagre do crucifixo, c. 1295-1299. Afresco, 230x270 cm. Assis, Basilica Superior.

O aumento da demanda por pinturas devocionais resultou em uma maior organização dos ateliês, que precisaram alcançar um novo nível de profissionalização para dar conta das encomendas. Essa maior especialização é conhecida, por exemplo, pela correspondência deixada pelo comerciante toscano Francesco di Marco Datini em fins do Trezentos. Sabemos, assim, da existência de uma eficaz organização desses ateliês, que possuíam as chamadas obras “em estoque”: pinturas representando a Virgem com o Menino, assim como painéis figurando santos diversos, pintados de forma semiacabada com figuras genéricas, e que seriam finalizados apenas quando uma encomenda determinasse qual santo deveria ser detalhado (SCHMIDT: 2005, 206).

Tratava-se, assim, de uma produção em série de pinturas que seguiriam um modelo-base, e que difundiram ainda mais as práticas religiosas católicas desenvolvidas a partir dessas imagens. Um costume que, remontando ao Medievo, permanece fundamental ainda na contemporaneidade, seja quando se consideram os milheiros de santinhos distribuídos nas portas das igrejas, seja nos pequenos altares domésticos que, em casas, bares ou comércios, indicam o permanente poder dessas imagens cristãs sobre os fiéis.

Para saber mais

BASCHET, Jérôme. Lieu sacré, lieu d'images. Les fresques de Bominaco (Abruzzo, 1263): thème, parcours, fonctions. Roma: École Française de Rome, 1991

SCHMIDT, Victor M. Painted piety. Panel paintings for personal devotion in Tuscany 1250-1400. Florença: Centro Di, 2005

SCHMITT, Jean-Claude. O corpo das imagens. Ensaios sobre a cultura visual na Idade Média (trad. J.R. Macedo). Bauru: EDUSC, 2007

QUÍRICO, Tamara. ARTE E DEVOÇÃO: NOTAS SOBRE AS IMAGENS CRISTÃS. *Arte Medieval*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>